



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

06 e 07 de fevereiro de 2016

Notícias do Dia
Capa e Plural
"Paquera x assédio"

Paquera x assédio / Grupo Vamos Juntas à Praia? / Limites / Sexo / Carnaval / Movimento contra o assédio / Rio Grande do Sul / Assédio sexual / Chega de Fiufiu / Sai Pra Lá / #PrimeiroAssédio / Redes sociais / Enem / Revista AzMina / Catraca Livre / #AgoraÉQueSãoElas / Vamos Juntas? / Sofia Cardoso / Facebook / WhatsApp / Florianópolis / Patrícia Maria Zimmermann D'Ávila / Delegacia de Proteção a Criança, Adolescente, Mulher e Idoso / Grande Florianópolis / #CarnavalSemAssédio / Nana Queiróz / Ipea / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada / Associação AzMina de Jornalismo Investigativo, Cultura e Empoderamento Feminino / #AssédioNoTrabalho / #MeuAmigoSecreto / Projeto Vizinho Solidário / Andrea Viana / Manuela Tecchio / UFSC / Curso de Jornalismo / Universidade Federal de Santa Catarina / Coletivo de Jornalismo Sem Machismo / Juliana de Faria / Brasil / Babi Souza / Porto Alegre / Vamos juntas? – O guia da sororidade entre as mulheres / Dia Internacional da Mulher / Livro / Machismo / MEC / Inclusão social / Inglês presencial



Paquera: homem com pegada é aquele que sabe beijar e transar gostoso, fazer a mulher ter prazer e nunca mais esquecer.



Assédio: homem assediador pega mulher à força, beija sem pedir permissão e usa a expressão "ter pegada" como desculpa.

Paquera: mulher pode tomar a iniciativa, sim. O cara legal, mesmo não querendo, não a julga, diz um "não" educado e continua a festejar. Ele sabe que, como ele, ela tem todo o direito de gostar de sexo e pegação.



Assédio: o cara assediador quando a mulher toma a iniciativa, tira sarro, chama de "vagabunda" e similares e conta vantagem sobre ela na frente dos amigos como se ela não tivesse tanto direito quanto ele de ter desejos sexuais.



Paquera: rola uma troca de olhares, um sorriso assanhado e um sinal claro do interesse das duas partes. Vem o beijo.



Vamos pular juntas o Carnaval?

Entendeu ou quer que eu desenhe?
Movimentos contra o assédio
ganham evidência no Carnaval



Proteção. Cris Isaia, Sofia Cardoso e Andrea Viana, do "Vamos juntas à praia?", sugerem que as mulheres andem em grupos

KARIN BARROS
karin.barros@noticiasodia.com.br

"Na próxima vez que estiver em uma situação de risco, observe: do seu lado pode estar outra mulher passando pela mesma insegurança. Que tal irem juntas?". Esta frase pertence ao movimento contra o assédio sexual "Vamos juntas", criado no Rio Grande do Sul. Assédio sexual foi um dos assuntos em destaque no ano de 2015. Ele veio à tona por meio de redes sociais, campanhas e movimentos, como o Chega de Fimfu, Sai Pra Lá e o #PrimeiroAssédio, que mostravam mulheres se movimentando para dar um basta nas atitudes machistas com seus corpos.

Foi motivo de discussão também ao ser tema da redação do Enem de 2015: "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira". Com o Carnaval, as roupas curtas e a bebida alcoólica na cabeça, a maioria das mulheres sabe que é quase impossível fugir de uma "gracinha" masculina. Inclusive, uma parce-

ria entre a revista "AzMina", o Catraca Livre, os movimentos #AgoraÉQueSãoElas, "Vamos Juntas?" e "Bloco das Mulheres Rodadas", criou um guia que busca mostrar às mulheres e homens a diferença entre paquera e assédio – este, que ilustramos em parte nesta página. Alivem o questionamento e a discussão: afinal, qual é o limite?

Para a florianopolitana Sofia Cardoso, 26, uma das criadoras do movimento florianopolitano "Vamos juntas à praia?", inspirado no "Vamos juntas?" do Rio Grande do Sul, o limite deve ser imposto por cada um. "A partir do momento em que a pessoa não se sente bem, não está correspondendo e que é ofensivo, passa a ser assédio", diz. O movimento foi criado em outubro de 2015 e possui 660 mulheres em um grupo secreto do Facebook e mais um grupo de WhatsApp. A ação incita que elas se unam para se deslocar por ruas escuras, para descer de um ônibus, em festas, e por que não, para ir à praia? "A gente se sente mais segura em saber que quem está ali do nosso lado no ponto de

ônibus ou andando atrás da gente, por exemplo, é uma mulher, e não um homem. Pelo simples fato que sabemos que não temos direitos iguais e, por isso, nos sentimos ameaçadas", explica Sofia.

O grupo afirma que diversas histórias de assédio, estupro, cantada e nudismo acontecem na cidade. "Aqui [Florianópolis], principalmente fora da temporada, as praias não são muito frequentadas, e acaba acontecendo isso. A maioria deles [homens] não tem noção de que essas atitudes são ofensivas, e que nos sentimos acuadas", pontua.

De acordo com a delegada Patrícia Maria Zimmermann D'Ávila, da coordenação estadual da Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso, há estatísticas de assédio e estupro na Grande Florianópolis, o problema é que a maioria das pessoas que o sofrem não registra Boletim de Ocorrência, e isso dificulta o trabalho da delegacia, e deixa a estatística vaga. Segundo a Polícia Civil, em 2015 foram 120 registros de assédio sexual, 52 de estupro a

mulher, 48 a adolescente, 88 contra criança e cinco contra homens. "É importantíssimo que a vítima registre o BO, só assim poderemos ter o controle de quem e onde acontecem os crimes. Denúncias anônimas acabam não entrando nas estatísticas, por isso é importante o registro nominal", garante a delegada.

Apesar de toda a união das mulheres com o movimento na Capital, elas deixam claro que todas as mulheres têm o direito de ir e vir sozinhas, com a roupa que quiserem e por onde desejarem. E têm ainda a sua liberdade e individualidade e serem respeitadas.

O movimento em Florianópolis vai além das praias, e sugere que as mulheres tenham um olhar à próxima fazendo a diferença, empoderando o gênero, já que o Judiciário, e principalmente, a herança cultural, não colaboram para a mudança na sociedade. O "Vamos juntas à praia?" se mobiliza ainda para incentivar mulheres que sofreram assédio a denunciarem à polícia, e até acompanham algumas delas à delegacia.

ND

NA INTERNET
Veja aqui Guia didático da diferença entre paquera e assédio, pra você não ser um canalha no Carnaval: bit.ly/1Pk5GAK



Assédio: o cara puxa pelo cabelo, agarra o braço, machuca e manda um "cala a boca" em forma de beijo.



Paquera: nem sempre o sim é verbal. Tem muitos jeitos de consentir: por indiretas, chegar pertinho, encostar de propósito, roçar as pernas, chegar a centímetros dos lábios dele pra ele tomar a iniciativa. (Os homens são espertinhos e sabem ler esses sinais.)

Assédio: nem sempre o não é verbal. Mas não quer dizer que ele não esteja lá. A gente desvia o olhar, se esquia do toque, se afasta da aproximação ou só ignora a existência do cara mesmo. (Os homens são espertinhos e também sabem ler esses sinais. Quem finge que não sabe é assediador.)



Paquera: os dois estão bebendo e se divertindo, mas ainda estão conscientes e podem transar de maneira consensual.

Assédio: a mulher está desacobrada ou bêbada demais para consentir e, mesmo assim, o cara transa com ela. (Isso se chama estupro, aliás.)



É assédio ou paquera? Vamos diferenciar?

Pensando no Carnaval, e que de fato, a roupa é apenas uma tendência a um assédio, não necessariamente o motivo, a revista "AzMina" fez um guia bem-humorado para a campanha #CarnavalSemAssédio – Para você não ser um canalha nesse Carnaval. Nele, foram colocadas frases de paquera versus frases de assédio, para que as mulheres vejam bem a diferença entre uma situação e outra. Nos comentários nas redes sociais, o guia causou discussão, onde homens concordavam e discordavam de certas frases e mulheres opinavam se aquilo era ou não extrapolar os limites. Mas para Nana Queiroz, diretora executiva da revista, é bem fácil discernir. "As mulheres não precisam verbalizar o não, mas se ela se afasta, desvia o rosto e o olhar ou simplesmente parece não dar a mínima pra você, é porque ela não quer. O bom do Carnaval é que tem muita gente aí querendo paquerar: parte para a próxima com muito respeito", afirma.

A revista "AzMina" nasceu em 2014, quando Nana conheceu os resultados da pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) "Tolerância social à violência contra as mulheres", que concluiu que, para 26% dos brasileiros, mulheres que mostram o corpo merecem ser atacadas. Indignada, ela foi até o Congresso Nacional, tirou a camisa e escreveu no corpo "Eu Não Mereço Ser Estuprada", usando a nudez política para simbolizar que, mesmo sem roupa, as mulheres merecem dignidade e proteção contra a violência sexual.

Vamos fazer um escândalo

No ano seguinte, Nana Queiroz criou a Associação AzMina de Jornalismo Investigativo, Cultura e Empoderamento Feminino. Foi por meio dela que nasceram as campanhas de conscientização e diálogo com a grande mídia e redes sociais, como a #AssédioNoTrabalho e #CarnavalSemAssédio, além de apoiar e reverter campanhas como #MeuAmigoSecreto, #PrimeiroAssédio.

Para Sofia, do "Vamos juntas à praia?", que é passista de uma das escolas de samba de Florianópolis, o Carnaval realmente é uma situação delicada. "Tem uma campanha da youtuber Jout Jout Prazer, chamada 'Vamos fazer um escândalo', que eu acho uma ótima opção. Os caras continuam fazendo porque a gente fica com vergonha após ser assediada, mas eu grito, aponto, e o cara fica surpreso porque está sendo exposto", sugere. Outra opção que pode funcionar, que já é de grande utilidade em alguns bairros do Sul da Ilha para segurança pública pelo projeto Vizinho Solidário, é o apito Fox 40 (utilizado por árbitros), indica Andrea Viana, 40, também do "Vamos juntas à praia?".



Paquera: o cara toma uma iniciativa e a garota o rejeita. Ele leva na esportiva, aceita o não e vai atrás de outras oportunidades.

Assédio: o cara toma uma iniciativa e a garota o rejeita. Ele não aceita a rejeição e fica insistindo. Quando finalmente desiste, ele a chama de feia, gorda e feia: "eu nem te queria mesmo". (Esse, além de assediador, é também um criação.)



Assédio: o cara faz pressão psicológica pra parceira não usar camisinha ou finge que coloca, mas transa sem.



Paquera: o cara leva sempre uma camisinha na carteira e admira a mulher que traz a dela também. (Essa sabe cuidar de si com responsabilidade.)



Atitude primitiva

Manuela Tecchio, 21, estudante de jornalismo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e integrante do Coletivo de Jornalismo Sem Machismo, esteve em alta em julho de 2015 quando lançou a música "A Louca", na internet. Nela, Manuela relata o machismo sofrido pelas mulheres diariamente – inclusive ao frequentar uma mesa de bar. A música foi reproduzida mais de 123 mil vezes no aplicativo Soundcloud.

Para a estudante, no Carnaval as pessoas têm a impressão que tudo perde as regras e o código de conduta. "Mesmo no Carnaval, na rua, tem que manter o bom senso, e todas as pessoas merecem respeito", diz. Apesar das movimentações nas redes sociais, Manuela acha que é pouco, e que já passamos da fase de conscientizar por trás de uma tela de computador. "Não somos civilizados, somos muito primitivos, e acredito que só com um posicionamento de órgãos públicos, com punições reais a esses casos e investimento no assunto teremos mudanças", afirma.

A jornalista paulista Juliana de Faria, do projeto Chega de Fiu Fiu, criou em 2013 o movimento para levantar dados sobre como a mulher se sente com o assédio que sofre nas ruas. Por meio de pesquisa online com 7.762 mulheres, revelou-se que 99% delas já sofreram algum tipo de assédio sexual, enquanto 83% delas disseram não gostar desse tipo de interação, e sentem medo. Além disso, a pesquisa mostrou também que 90% delas já trocaram de roupa pensando no lugar que iriam. Em 2014 foi lançado o mapa Chega de Fiu Fiu, para mapear os pontos mais críticos do Brasil. No mapa, em Florianópolis, há cerca de 50 registros.

Página vai virar livro

O "Vamos juntas?" do Rio Grande do Sul, que serviu de inspiração para as mulheres de Florianópolis, foi criado por Babi Souza, 25, de Porto Alegre, no ano passado, e vai ser lançado como livro ("Vamos juntas? – O guia da sororidade entre as mulheres") em 8 de março, Dia Internacional da Mulher. O movimento surgiu quando Babi saía do trabalho mais tarde do que o normal e se sentiu ameaçada. "O medo do homem na rua é que levem seus pertences, e o medo da mulher é que levem elas mesmas ou a sua dignidade", diz Babi.

A página no Facebook, que hoje tem mais de 290 mil curtidas, teve crescimento nacional. Nunca foi uma ação focada na capital gaúcha, tanto que em primeiro lugar nas curtidas da página estão São Paulo e Rio de Janeiro, e apenas 1% das curtidas são masculinas. "Muitos, eu acho, não entendem do que se trata esse medo que as mulheres sentem em estarem sozinhas na rua. Sempre tem uma ala machista nos comentários sobre o assunto contra o movimento. Eles me atacam afirmando que o 'Vamos juntas?' diz que todos os homens são estupradores, e não entendem a ideia de sororidade [irmãndade entre as mulheres]", explica.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 06/02/2016

[O nome disso é inclusão social](#)

[MEC abre inscrição para o curso de inglês presencial gratuito](#)